

# Banda Sinfónica Portuguesa

27 Set 2020  
12:00 Sala Suggia

Douglas Bostock direcção musical  
Luís Duarte Moreira trompa

---

## Aaron Copland

*Fanfare for the Common Man* (1942; c.3min)

## Igor Stravinski

*Sinfonias de instrumentos de sopro* (1920, rev.1947; c.12min)

## Ralph Vaughan Williams

*Scherzo alla Marcia* da Sinfonia n.º 8 (1953-55; c.4min)

## Václav Nelhýbel

Concerto para trompa e 16 instrumentos (1983; c.18min)

1. *Allegro*
2. *Adagio*
3. *Freely — Moderato — Vivo — Allegro*

## Joaquín Rodrigo

*Adagio* para orquestra de sopros (1966; c.9min)

## Malcolm Arnold

*Water Music, op. 82* (1964; c.10min)

1. *Allegro maestoso*
2. *Andantino*
3. *Vivace*

---

*Fanfare for the Common Man* foi composta em 1942 pelo compositor norte-americano **Aaron Copland** (Brooklyn, 1900 – Nova Iorque, 1990), resultando de uma encomenda de Eugene Goossens (1893-1962), maestro da Orquestra Sinfónica de Cincinnati, que a estreou a 12 de Março de 1943. O convite fazia parte de uma encomenda mais alargada, de cerca de 17 fanfarras, a vários compositores, para marcar o momento que se vivia com a II Guerra Mundial, sobretudo com a entrada dos Estados Unidos da América no cenário beligerante em 1941. Copland optou por dedicar a sua fanfarra ao “homem comum”, expressão utilizada no discurso do vice-presidente dos EUA, Henry A. Wallace, intitulado “Century for the Common Man”, datado de 8 de Maio de 1942. Neste discurso, Wallace enfatiza a oposição entre dois mundos, o mundo livre e o mundo escravo, afirmando que o rumo da guerra conduziria à vitória do mundo livre, naquilo que seria a verdadeira “marcha de liberdade para o Homem comum”. A temática inspirou Copland

a compor uma fanfarra enraizada nos valores mais nobres da liberdade e da esperança, como procurou traduzir num momento de grande elevação musical. A obra inicia-se com o tema quase heróico e épico nos metais, marcado com grande ímpeto pela percussão. A linguagem musical directa, que caracteriza o compositor, é aqui elevada a uma celebração vitoriosa do homem comum.

Também em jeito de homenagem, a obra *Sinfonias de instrumentos de sopro*, de **Igor Stravinski** (Oranienbaum, 1882 – Nova Iorque, 1971), foi composta em 1920, dois anos após a morte de Claude Debussy. À época, o compositor foi convidado pela *La Revue Musicale*, em conjunto com outros compositores (Ravel, Falla, Satie, e. o.), a escrever uma obra dedicada a Debussy. A publicação, intitulada *Le tombeau de Claude Debussy*, incluiria uma redução para piano do coral que finaliza a obra *Sinfonias de instrumentos de sopro*.

De acordo com o compositor russo, o contributo não pretendia inspirar-se no pensamento musical de Debussy, mas antes afirmar a sua própria linguagem, motivo pelo qual escolheu apenas instrumentos de sopro e a designação “Sinfonias”, ancorando-se no seu sentido etimológico, ou seja, “sons juntos” que, na sua opinião, não tinham como desejo emocionar ou ser agradáveis para o público. A estreia da obra ocorreu em Londres, no Queen’s Hall, com direcção de Serge Koussevitski, a 10 de Junho de 1921, com uma má recepção por parte do público. Stravinski voltaria à obra em 1947 para a reorquestrar, introduzindo alterações a nível instrumental, com a troca de alguns instrumentos de sopro.

Ao nível musical, encontramos uma linguagem característica deste período na produção do compositor. As ideias musicais desenvolvem-se em curtos quadros relacionados com diferentes grupos de instrumentos, com várias cores e exploração dos timbres, inspirando-se também em melodias populares russas. O coral final concede à obra um ambiente quase solene e de derradeira homenagem.

De um dos mais destacados compositores ingleses da primeira metade do séc. XX, **Ralph Vaughan Williams** (Down Ampney, 1872 – Londres, 1958), surge em programa o *Scherzo alla Marcia*, segundo andamento da sua Sinfonia n.º 8. Enquanto compositor, a sua abordagem musical permitiu afirmar uma postura musical inspirada pela música inglesa tradicional, afastando-se do domínio germânico que se fizera sentir durante o séc. XIX. A sua produção

musical abarca diferentes géneros instrumentais, sendo através das sinfonias que se afirmou na sua plenitude e granjeou o reconhecimento nacional e internacional.

Vaughan Williams concluiu a sua Sinfonia n.º 1 quando tinha 38 anos, compondo um total de 9 sinfonias que atravessam as suas diversas tendências criativas. A Sinfonia n.º 8 foi terminada em 1955 e estreada no ano seguinte, a 2 de Maio, no Free Trade Hall de Manchester. Marca um período de grande criatividade do compositor, que espelha nos seus 4 andamentos diferentes abordagens, começando com um primeiro andamento, *Fantasia*, que apelida de “Variações sem tema”. O segundo andamento, a peça em programa, é o *Scherzo alla Marcia*, que se apresenta como uma pequena marcha com forte carácter. Escrito apenas para instrumentos de sopro, inclui vários apontamentos solistas que exploram o carácter do tema, fazendo também uso de imitação de motivos melódicos. A mudança de carácter acontece com o trio, que introduz um tema mais pastoral e melódico, muito característico na sua linguagem musical, retomando depois o tempo e o carácter inicial.

Do compositor checo **Václav Nelhýbel** (Polanka nad Odrou, 1919 – Scranton, Pensilvânia, 1996) o presente programa inclui o *Concerto para trompa e 16 instrumentos*, uma obra de destaque no repertório para aquele instrumento. Nelhýbel teve a sua formação musical em Praga e na Suíça, leccionando depois naquele país, na Universidade de Fribourg. Foi, no entanto, nos Estados Unidos da América (EUA) que fez a sua carreira como professor e compositor, ficando o seu nome associado à Universidade de Scranton, na Pensilvânia. Como compositor residente daquela universidade, dedicou-se à composição de muitas obras concebidas e dedicadas a estudantes e músicos profissionais, sendo o seu catálogo extenso e premiado.

O *Concerto para trompa e 16 instrumentos* foi composto em 1983 e dedicado ao trompista Daniel Culpepper, que o estreou a 4 de Março de 1984 no auditório da Northern Illinois University, com uma orquestra daquela universidade dirigida por Max Culpepper. A obra apresenta a estrutura de concerto para solista em 3 andamentos, iniciando-se de forma sugestiva com um tema no vibrafone, seguido do xilofone, até à entrada da trompa. Nelhýbel apresenta o tema em vários instrumentos e diferentes texturas, assinalando-se depois a entrada da harpa, uma nova cor musical que alternará com o todo instrumental e com as intervenções do instrumento solista. O segundo andamento, *Adagio*, inicia-se com o ensemble numa nota longa e em crescendo, seguindo-se depois a entrada do vibrafone e da harpa que, em conjunto com diferentes instrumentos de sopro, exploram diversos motivos até à entrada da trompa, que traz uma melodia lírica e expressiva em *piano* e alguns momentos de maior liberdade interpretativa. O terceiro andamento começa de modo livre com uma introdução da harpa, seguindo-se a entrada da trompa. De destacar ao longo do andamento momentos de carácter vivo com ritmos pontuados nos metais e nas madeiras, que alternam com a melodia mais lírica da trompa, mas também com momentos solistas mais intensos e virtuosos, conduzindo a obra a um final triunfante.

A obra do compositor **Joaquín Rodrigo** (Sagunto, 1901 – Madrid, 1999) destaca-se pela linguagem nacionalista estilizada, incorporando vários elementos da música tradicional espanhola. O compositor, cego desde a infância, estudou com alguns dos mais ilustres nomes do seu tempo, nomeadamente com Paul Dukas, tendo residido em Paris. O regresso a Espanha trouxe-lhe uma actividade intensa, afirmando-se como uma das principais figuras da música erudita espanhola e granjeando o reconhecimento internacional.

O *Adagio para orquestra de sopros* surge no seu repertório a partir de uma encomenda realizada pelo maestro Robert Austin Bourdeau, figura responsável pela fundação, em 1957, da American Wind Symphony Orchestra. A estreia teve lugar em Pittsburgh em Junho de 1966, e integra o repertório de várias orquestras de sopros. A obra inicia-se com o tema melancólico na flauta e depois em vários instrumentos. Segue-se uma secção contrastante, quase uma fanfarra, alusiva a temas espanhóis. As duas secções alternam entre si, terminando a obra com o tema inicial, que se vai esvaindo nas notas graves sustentadas.

O programa termina com *Water Music*, op. 82 de **Sir Malcolm Arnold** (Northampton, 1921 – Norwich, 2006). O compositor nasceu numa família de músicos amadores, sendo a paixão pelo trompete que o levará a ingressar no Royal College of Music, onde estudou com Ernest Hall, tendo como professor de composição Gordon Jacob. Com 21 anos integrou a Orquestra Filarmónica de Londres, onde chegaria a primeiro trompete, em 1943. O seu objectivo era dedicar-se à composição, o que acabaria por acontecer em 1951. Foi um compositor com uma considerável produção musical, incluindo 9 sinfonias, música para bailado, concertos, música de câmara, música coral, música para orquestra de sopros, entre outros. A sua linguagem musical era assumidamente conservadora e marcada sobretudo pelos grandes compositores sinfónicos, de Berlioz a Mahler, concedendo também espaço à influência de Bartók e do jazz.

*Water Music* foi composta em 1964 e resultou de uma encomenda do National Trust para a abertura do canal de Stratford. O primeiro andamento, *Allegro maestoso*, apresenta um motivo inicial de celebração que aparecerá de diversas formas ao longo da obra, com os metais e a percussão em destaque, seguindo-se depois um momento mais doce e lírico com os oboés e os fagotes, com posterior retoma do fulgor inicial que conduz a um final intenso. O *Andantino* introduz uma melodia que remete para o ambiente da canção tradicional inglesa, sendo o tema repetido várias vezes, de forma quase cíclica. O andamento final, *Vivace*, apresenta um carácter forte marcado pela introdução dos metais e da percussão, com a participação intensa das madeiras, conduzindo a um final majestoso.

## Douglas Bostock direcção musical

O britânico Douglas Bostock é Maestro Titular e Director Artístico da aclamada Filarmónica de Câmara do Sudoeste da Alemanha (desde 2019) e Maestro Honorário da Filarmónica de Argóvia na Suíça. Trabalhou com a Filarmónica de Argóvia (Maestro Titular, 2001-2019), a Sinfónica Karlovy Vary (Maestro Titular), o Festival de Ópera de Hallwyl (Director Artístico), a Sinfónica de Munique (Maestro Convidado Principal), a Filarmónica de Câmara Checa (Maestro Convidado Principal), a Filarmónica do Sudoeste da Alemanha (Maestro Convidado Regular) e a Orquestra de Sopros Kosei de Tóquio (Maestro Titular e Maestro Convidado Principal). Dirigiu algumas das principais orquestras da Europa, da América do Norte e da Ásia, incluindo a Filarmónica de Londres, as Orquestras da BBC, a Royal Philharmonic, a Sinfónica da Rádio de Praga, a Nova Filarmónica do Japão, a National Chamber Orchestra, as Sinfónicas de Praga, Aarhus, Quioto, Sapporo, Kansas e Cidade do México e a Filarmónica de Calgary.

Apresentou-se nas salas mais importantes do mundo e em prestigiados festivais, destacando-se os BBC Proms, as Konzerthaus de Viena e Berlim, o Suntory Hall, o Royal Festival Hall, a Tonhalle de Zurique, o Festival de Primavera de Praga, a Herkulesaal de Munique, a Gewandhaus de Leipzig e o Festival de Ravinia.

Gravou cerca de 100 CD, reflectindo o seu domínio de música em todos os estilos e incluindo muitas obras menos conhecidas ou nunca antes gravadas. Os ciclos com a integral da música orquestral de Carl Nielsen, as sinfonias de Robert Schumann e *The British Symphonic Collection* conquistaram a aclamação internacional.

Douglas Bostock é também um prestigiado professor de direcção. É Professor Convidado nas faculdades de direcção e de ópera da Universidade das Artes de Tóquio, com a qual mantém uma relação duradoura. As masterclasses de direcção que orienta em vários países são muito populares. Além disso trabalha regularmente com jovens músicos, sendo frequentemente convidado de vários conservatórios europeus e asiáticos. É Professor Visitante na Escola Superior de Música Senzoku Gakuen, no Japão.

## Luís Duarte Moreira trompa

Natural de Paços de Ferreira, Luís Duarte Moreira nasceu em 1993 e iniciou os estudos musicais na Banda Musical de Paços de Ferreira, em saxofone, aos 10 anos. Em 2005 ingressou na Escola Profissional Artística do Vale do Ave (ARTAVE), na classe de trompa de Hélder Vales, tendo concluído com classificação máxima o recital final, o que lhe valeu o Prémio Dra. Manuela Carvalho. Em 2011 continuou os estudos na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE) com Abel Pereira, Bohdan Sebestik e Nuno Vaz, concluindo o recital final de licenciatura com máxima distinção. Concluiu em 2018, com classificação máxima no exame final, o Mestrado em Performance na Hochschule für Musik Hanns Eisler em Berlim, na classe de Marie-Luise Neunecker, como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian.

Durante o seu percurso académico frequentou inúmeros cursos de aperfeiçoamento, o que lhe permitiu colaborar com profissionais de renome nacional e internacional, nomeadamente José Bernardo Silva, David Johnson, Ricardo Matosinhos, Bruno Rafael, Paulo Guerreiro, David Thompson, Szabolcs Zempléni, Will Sanders, Kerry Turner, Frøydis Ree Wekre, Rodolfo Epelde Cruz, Stefan de Leval Jezierski, Jeff Nelsen e Martin Owen.

Foi galardoado com o 1.º Prémio no Concurso Internacional de Instrumentos de Soprano “Terras de La Salette” nas categorias Júnior e Sénior. Recebeu o 2.º Prémio (1.º não atribuído) no prestigiado Internationaler Instrumentalwettbewerb Markneukirchen (Alemanha, 2016) e o 1.º Prémio na categoria superior de trompa no Prémio Jovens Músicos (2017). Conquistou uma Menção Honrosa no conceituado concurso “Prague Spring” (República Checa, 2018) e o 1.º Prémio no Concurso Internacional de Sopros do Alto Minho (categoria E de metais, 2019). Foi membro fundador do Quinteto de Sopros Klaue, com o qual alcançou o 2.º Prémio no Prémio Jovens Músicos, na categoria superior de música de câmara, em 2015.

Integrou a Orquestra Sinfónica APROARTE, a Sinfónica da ESMAE, o Estágio Gulbenkian para Orquestra (EGO), a Orquestra Jovem Sinfónica da Galiza (OJSG), a Landesjugendorchester Bremen e a Gustav Mahler Jugendorchester. Em 2012, integrou como solista A a Fundação Orquestra Estúdio (FOE), no âmbito do projecto Guimarães Capital da Cultura 2012. Colabora regularmente com a Banda Sinfónica Portuguesa (BSP), a Orquestra Filarmonia das Beiras, a Orquestra XXI, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra Gulbenkian e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. Entre Setembro de 2018 e Dezembro de 2019, integrou a Orquestra Sinfónica da Galiza (OSG).

Teve oportunidade de trabalhar com maestros e solistas de renome internacional. Apresentou-se a solo com a Orquestra ARTAVE, a Philharmonisches Orchester Plauen-Zwickau e a Orquestra Gulbenkian. Foi professor orientador do I e do II Encontro Nacional de Jovens Músicos (2012 e 2013), em Vieira do Minho. Orientou cursos de aperfeiçoamento musical na Universidade do Minho, no Festival BSP Júnior e no Conservatório d'Artes de Loures. Na presente temporada integra a Orquestra Gulbenkian como chefe de naipe convidado.

## Banda Sinfónica Portuguesa

Com sede na cidade do Porto, a Banda Sinfónica Portuguesa teve o seu concerto de apresentação no dia 1 Janeiro de 2005 no Rivoli – Teatro Municipal do Porto, onde gravou o seu primeiro CD, tendo entretanto recebido um importante apoio da Culturporto e mais tarde da PortoLazer. Lançou os álbuns *A Portuguesa* (2010), *Traveler* (2011), *Hamlet* (2012), *Oásis* (2013), *Grand Concerto pour Orchestre d'Harmonie* (2014), *Sinfónico com Quinta do Bill* (2015), *Trilogia Romana* (2015), *Porto* (2016) e *The Ghost Ship* (2017).

A partir de 2007, a BSP é convidada pela Casa da Música a apresentar-se regularmente na Sala Suggia, sendo responsável pela execução em primeira audição de mais de 40 obras e possibilitando a apresentação de talentosos solistas nacionais e internacionais, vários coros do Grande Porto e grupos como Vozes da Rádio, Quinta do Bill, Quarteto Vintage, European Tuba Trio, etc.

A BSP promove masterclasses de instrumento com professores de reconhecido mérito artístico, bem como Cursos de Direcção de Banda (contando já 21 edições) orientados pelos maestros Marcel van Bree, Jan Cober (Holanda), Douglas Bostock (Inglaterra), José Rafael Vilaplana (Espanha) e Eugene Corporon (EUA).

Maestros internacionalmente reputados como Jan Cober, Douglas Bostock, José Rafael Vilaplana (maestro principal convidado da BSP), Alex Schillings, Rafa Agulló, Dario Soutelo, Henrie Adams e Eugene Corporon dirigiram a BSP com enorme sucesso. Foi dirigida também por maestros portugueses como Pedro Neves, Fernando Marinho, Alberto Roque, Avelino Ramos, José Eduardo Gomes, Hélder Tavares, André Granjo e João Paulo Fernandes. Realizou concertos nas principais salas de espectáculos do país, em Igrejas, no Santuário de Fátima e em Espanha.

A BSP tem vindo a receber as melhores críticas do público e de prestigiados músicos nacionais e estrangeiros. Em 2008, obteve o 1.º Prémio no II Concurso Internacional de Bandas de La Sènia na Catalunha (Espanha), na 1.ª secção, e igualmente o 1.º prémio na categoria superior (Concert Division) do 60.º aniversário do World Music Contest em Kerkrade (Holanda, 2011), com a mais alta classificação alguma vez atribuída em todas as edições deste concurso que é considerado o “campeonato do mundo de bandas”. Em 2014, realizou a sua primeira tournée intercontinental pela China, com 5 concertos em diferentes cidades. Enquanto orquestra de referência no panorama internacional, participou em 2017 no 18.º Festival do World Music Contest em Kerkrade e na 17.ª Conferência Mundial da World Association for Symphonic Bands and Ensembles em Utrecht. Em Novembro de 2019 realizou uma digressão às Canárias.

A Banda Sinfónica Portuguesa é uma associação cultural sem fins lucrativos apoiada pela Direcção-Geral das Artes. A direcção artística está a cargo do Maestro Francisco Ferreira.

### Flautas

Herlander Sousa  
Daniela Anjo  
David Leão (piccolo)

### Oboés

Juliana Félix  
Ana Maia  
Fernanda Amorim (corne inglês)

### Clarinetes

Crispim Luz  
Ana Rita Petiz  
Filipe Pereira (requinta)

### Fagotes

Pedro Rodrigues  
Bruna Carvalho  
Cristina Fernandes (contrafagote)

### Trompas

Nelson Silva  
Pedro Pereira Fernandes  
Hugo Sousa  
Nuno Silva

### Trompetes

Telmo Barbosa  
Sérgio Pereira  
Carlos Martinho  
Carlos Leite

### Trombones

Tiago Nunes  
Fábio Moreira  
Gonçalo Dias (tromb. Baixo)

### Tubas

Jorge Fernandes

### Percussão

Jorge Lima (tímpanos)  
Pedro Góis  
Tomás Rosa  
Luís Santiago

### Contrabaixo

Cláudia Carneiro

### Harpa

Ana Aroso